

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

ELIZABETH DE SOUSA BELÉM

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM UTILIZADO PELOS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

CAJAZEIRAS-PB

2014

ELIZABETH DE SOUSA BELÉM

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM UTILIZADO PELOS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

CAJAZEIRAS-PB

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

B451p Belém, Elizabeth Sousa.

O processo de avaliação da aprendizagem utilizado pelos professores do ensino fundamental I / Elizabeth de Sousa Belém.- Cajazeiras, 2014.

63f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Geranilde Costa e Silva.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2014.

1. Avaliação de aprendizagem. 2. Formação de pedagogos. 3. Ensino-aprendizagem. 4. História de vida. I. Silva, Geranilde Costa e. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37.091.26

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ELIZABETH DE SOUSA BELÉM

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM UTILIZADO PELOS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup>Dra.Geraniide Costa e Silva

CAJAZEIRAS-PB

2014

ELIZABETH DE SOUSA BELÉM

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM UTILIZADO PELOS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I –

Monografia apresentada como pré-requisito para  
obtenção do título de licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Federal de Campina Grande,  
submetida á aprovação da banca examinadora  
composta pelos seguintes membros.

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Geranilde Costa e Silva (Orientadora)

---

Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Jose Amiraldo Alves da Silva (Examinador 1)

---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Nozângela Maria Rolim Dantas (Examinador 2)

---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha (Suplente)

---

CAJAZEIRAS-PB

2014

Dedico este trabalho a minha família, meu pai João Belém (in memoria), minha Mãe Maria Valdelice (Licinha), meus irmãos e, especialmente ao meu namorado amigo e companheiro Wilson Freitas pela paciência, compreensão e apoio a mim dedicado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro instante a Deus, que com certeza esteve presente em minha caminhada nos momentos mais difíceis e de prazer, me abençoando, encorajando e permitindo que realizasse o grande sonho de concluir a graduação em Pedagogia.

Agradeço a toda minha família e companheiras de trabalho, em especial a Rose e Corrinha, como também a minha gerente Aurilania pelo carisma e o apoio a mim dedicado e por estarem sempre do meu lado me apoiando e fortalecendo as vezes que precisei, acreditando na minha capacidade dando força para não desistir.

As companheiras de sala e eternamente amigas que encontrei durante nossa caminhada juntas na UFCG, Cilmara Pessoa do Nascimento e Lucineia dos Santos.

“Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo”. (Luckesi, 2002).

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é identificar/analisar o processo de Avaliação da Aprendizagem utilizado por professoras do ensino fundamental I de uma escola estadual de Cajazeiras (PB). Para tanto, se fez também necessário conhecer que concepções estas docentes tinham acerca do referido tema. O interesse pelo tema surgiu, de um lado, pela minha história de vida marcada por inúmeros episódios ruins acerca da Avaliação da Aprendizagem. E de outro, ao estudar na universidade, curso de Pedagogia, autores tais como Hoffmann (1991), Luckesi (1995) e Freire (1996) dentre outros que tratam do referido assunto. Nesta pesquisa apresento o pensamento de duas docentes sobre as práticas avaliativas utilizadas no 4º e 5º anos, ambas com graduação em Pedagogia pela UFCG, campus de Cajazeiras (PB). O trabalho está dividido por capítulos, no 1º dou ênfase à minha história de vida, chegada à universidade como e porque escolhi o tema da Avaliação da Aprendizagem. Já no segundo apresento concepções de Avaliação da Aprendizagem, os tipos de avaliação bem como suas funções. Destaco ainda neste capítulo os dispositivos do Governo Federal voltado para a Avaliação da Aprendizagem. No terceiro capítulo são expostas as análises dos dados colhidas junto às professoras. Dentre os resultados obtidos foi possível identificar que a Avaliação da Aprendizagem é desenvolvida pelas docentes, no entanto, os dados oficiais ficam por conta das provas aplicadas pelo Governo. Por fim, faço as considerações finais, neste relato a importância da pesquisa e as dificuldades, as satisfações que tive para desenvolver esse trabalho.

**Palavra chave:** Avaliação da Aprendizagem; Formação de Pedagogos; Ensino-aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This work aims to identify and analyze the process of assessment of learning in the Elementary Education I, in a public school, in Cajazeiras (PB), considering teacher's conceptions about the theme. The interest in the subject arose at the university due to some negative experiences I've had with the discipline and approaches about the theme, presented by authors such as Hoffmann (1991), Luckesi (1995) and Freire (1996). The research discusses the thought of two teachers on assessment practices applied in the fourth and fifth grades. Both teachers are graduated in the Education Course at Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras (PB). Therefore, the work is divided into three chapters. In the first one I emphasize my own experiences before and at the University, besides the reason which made me choose the theme in focus. In the second one, I present some different types, functions and conceptions about assessment of learning. Further, I highlight the Federal Government's oriented devices for the assessment of learning. In the third chapter I expose the result of the data analyses. Among them, it was possible to identify that the Assessment of Learning is developed by teachers, although the tests applied by the Government has been the instrument used to reveal the official data. Finally, I report my considerations about the importance of the research, the difficulties and pleasure during its development.

Keyword: Assessment of Learning; Training of Educators; Teaching and Learning.

## **LISTA DE SIGLAS**

**ENEM-** Exame Nacional do Ensino Médio.

**ENADE-** Exame Nacional de Desempenho de Estudantes.

**INEP-**Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.

**IDEB-** Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

**LDB-**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

**MEC-** Ministério da Educação.

**PB-** Paraíba.

**UFCG-** Universidade Federal de Campina Grande.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	14
1.1 - Justificativa do Trabalho: relação da temática com minha história de vida.....	16
1.2 - Minha chegada à Universidade.....	21
1.3 - Escolha do Tema.....	24
<b>2- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: NOVOS MÉTODOS, NOVOS CONCEITOS.</b> .....	27
2.1 Reflexos sobre a avaliação da aprendizagem.....	30
2.2 O que é avaliar.....	32
2.3 - Tipos e funções da Avaliação da Aprendizagem.....	34
2.4- Dispositivos do Governo Federal para intervir na Avaliação.....	35
<b>3 - ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	39
3.1 Dados da Entrevista.....	39
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	
Anexos Apêndice	
Apêndice A	

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso – TCC tem como objetivo apresentar o resultado de uma pesquisa sobre os processos avaliativos utilizados por professores do ensino fundamental I (serias finais) 4º e 5º ano, no que se refere à Avaliação da Aprendizagem de uma escola pública do município de Cajazeiras (PB). Para a realização deste trabalho foi utilizado um questionário contendo 10 (dez) questões abertas.

A escolha desse tema de pesquisa se deu a partir das minhas vivência se experiências durante toda minha vida estudantil escolar e universitária, pois se sabe que é comum nos dias professores relatarem que encontram dificuldades para realizar essa tarefa que é considerada complexa, temerosa, importante como também assustadora para o aluno. Dessa forma, procurei utilizar autores com aportes teóricos voltados para a problemática em questão, para que com seus conceitos sobre a Avaliação da Aprendizagem, fosse possível encontrar respostas pertinentes e claras aos pontos levantados nesse trabalho.

A visão que se tem de Avaliação da aprendizagem em geral está voltada à idéia de medição, de punição e até mesmo de mudança no comportamento humano. Essa abordagem viabiliza o fortalecimento do aspecto quantitativo. A avaliação, tal como é concebida e vivenciada nos dias atuais na maioria das escolas brasileiras, tem se constituído no principal mecanismo de sustentação da lógica e organização do trabalho escolar e, portanto, legitimador do fracasso do educando.

Esse trabalho tem como meta fundamental compreender, por meio de relatos obtidos nas coletas de dados, como professoras dos anos finais do ensino fundamental I, que desenvolvem a Avaliação da Aprendizagem. Sabendo que a avaliação ainda é usada nas escolas como um meio para reprimir, apavorar, ou mesmo castigar os alunos, surgiu então o meu interesse de aprimorar e estudar sobre o tema para assim compreender as funções e características da Avaliação da Aprendizagem.

Com leituras realizadas em alguns aportes teóricos de autores sobre o tema, pude entender que Avaliar significa aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitante a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em ato do cotidiano do aluno. Com isso é possível compreender que será papel do educador aplicar aulas de formas mais dinâmica e criativa para que não torne cansativas e sem significados para os alunos, pois

quando acontece à interação com a turma todos participam da aula tornando-a mais afetiva e prazerosa.

A opção pelo tema se deu ao considerar de suma importância avaliar os alunos de forma lúdica criativa e participativa, principalmente nos anos iniciais, pois esse será o primeiro contato que o educando tem com a Avaliação, e se forem reprimidos neste período poderá trazer traumas por resto da sua vida escolar. Logo, é nesse momento de escolarização do aluno que o educador deve compreender que a avaliação faz parte do processo de formação do educando, e não um meio para torturá-los. Nesse sentido, me amparei nos estudos de Hoffman (1991-2005), Méndez (2002), Luckesi (1995-1998), Perrenoud (1999), entre outros, nos quais busquei subsídios para a realização deste precioso trabalho.

Portanto, trabalhar com o tema avaliação foi algo agradável e desafiador, pois compreendo que os tipos de avaliação ou testes que vimos desde os anos iniciais até a universidade muitas vezes contrariam o que é defendido pelos autores acima citados acerca da Avaliação da Aprendizagem. Isso porque Avaliar também será uma tomada de decisão e a melhoria da qualidade de ensino, informando as ações em desenvolvimento e a necessidade de regulações constante.

O trabalho está dividido por três capítulos. No primeiro capítulo destaco minha história de vida, neste está exposto como surgiu o meu interesse pelo tema, contendo neste a minha trajetória de vida desde a infância, entrada na universidade e as dificuldades enfrentadas, bem como o interesse pela temática da Avaliação da Aprendizagem.

No segundo capítulo, tratei de forma simples e clara sobre a Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental I, faço também uma breve reflexão a partir do tema escolhido, como também o modo como deve o professor avaliar seus alunos sem causar trauma e frustrações para o educando. Nesse capítulo também abordo sobre os dispositivos do Governo Federal para intervir na avaliação, destacando os seguintes: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - Ideb Provinha Brasil Prova Brasil, Exame Nacional do Ensino Médio -Enem e Exame Nacional de Desempenho de Estudantes- Enade.

No terceiro capítulo apresento os dados obtidos junto às docentes envolvidas na pesquisa e faço a análise dos mesmos.

Por fim, faço as considerações finais, momento em que explicitarei as dificuldades e prazer em realizar este trabalho como também a felicidade de alcançar o objetivo almejado.

Ainda completo esse trabalho expondo o roteiro das entrevistas desenvolvidas junto às professoras participantes desse estudo.

## 1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho teve o objetivo de compreender e analisar os relatos de professores do ensino fundamental I (séries finais) 4º e 5º ano de uma escola estadual do município de Cajazeiras (PB). A escolha do tema se deu mediante aos entraves que enfrentei durante minha vida estudantil, bem como pelos autores estudados junto ao curso de Pedagogia.

Para realizar esta pesquisa decidi em entrevistar duas docentes, ambas com graduação em Pedagogia pela UFCG- campus de Cajazeiras (PB) que lecionam na mesma escola. Para contemplar os objetivos proposto neste trabalho optei pela metodologia qualitativa, logo para a realização deste valioso trabalho, foi aplicado um questionário contendo 10 (dez) questões para as coletas dos dados dos sujeitos da pesquisa em estudo. Interessei-me em fazer uma pesquisa qualificativa uma vez que buscava conhecer as concepções, as falas, os sentimentos das professoras sobre o tema investigado.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar os porquês das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p.32).

O referido instrumental foi organizado com as seguintes indagações abaixo:

01- De acordo com suas concepções, descreva o que é avaliação? Pra que serve a avaliação?

02-Que tipo de experiências você tem com o tema da avaliação? Na escola e na faculdade? Foram positivas ou negativas?

03-Que metodologias você utiliza para avaliar seus alunos?

04-Quem decide as metodologias de avaliação? Você? Coordenação?

05-Existe um calendário para a execução das avaliações?

06-Qual tipo de avaliação você mais utiliza em sua sala? Por quê?

a ( ) Atividade individual; b ( ) Trabalho em equipe c ( ) Pesquisas em livros

d ( ) Pesquisas pela internet

07-Vocês acreditam que há relação entre o modo como você ensina e o modo como você avalia os estudantes? Por quê?

08-Os instrumentos avaliativos que você utiliza contribuem para uma avaliação que promova a aprendizagem dos alunos? Por quê?

09-Quando você avaliar seus alunos, o que você leva mais em consideração? Os erros? Os acertos? Explique por favor.

10-Se você tivesse que modificar algo sobre a avaliação, o que mudaria? Discorra sua resposta.

### **1.1- Justificativa do trabalho: Relações da temática com minha história de vida**

Falar de minhas origens é algo que com certeza me fez lembrar momentos inesquecíveis, como também tempos de muito trabalho, sofrimento e pobreza.

Sou natural de Cachoeira dos Índios (PB), filha de agricultores semi-analfabetos que residem até os dias atuais na zona rural deste município, mais precisamente no sítio Lagoa do Mato, meus pais se chamam João Belém (in memoriam) e Maria Valdenice, mais conhecida como Dona Licinha.

Igual a muitas crianças, minha infância foi sofrida, pois desde muito pequena já ajudava meu pai nos trabalhos da agricultura juntamente com os outros irmãos. Naquela época, ou seja, no ano de 1986, estudar não era tão fácil como hoje, portanto era nossa obrigação de trabalhar um expediente na roça e, no outro, íamos para a escola que ficava no mesmo sítio, o que nos deixava cansado e desmotivados por causa dos trabalhos físicos diários.

Apesar da vida dura que tínhamos nossos pais não queriam que ficássemos sem estudar, no entanto, tínhamos que ajudá-los na plantação e na colheita dos legumes, pois o nosso sustento era tirado somente da agricultura.

No ano de 1986, época em que ingressei na escola, não existia educação infantil, e assim, as ações pedagógicas de sala de aula eram voltadas somente para que a criança aprendesse a ler e escrever, deste modo não era valorizado a coordenação motora, o desenvolvimento afetivo e psicológico, como também não havia preocupação com o processo de socialização destas. Situação essa que vem sendo alterada, como dispõe a LDB nº 9.394/96 de nosso país:

Seção II da Educação Infantil, Art.29. A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL/MEC, LDB, 1996, p. 13).

Assim, as crianças passavam a estudar a partir aos 06(seis) anos de idade com a finalidade de somente ler e escrever, entretanto, essas tinham ingresso nas turmas de

alfabetização com o objetivo de aprender a ler, ou mesmo, de decorar os conteúdos que era aplicado pela educadora. As docentes em sua maioria possuíam apenas o ensino médio normal, um curso voltado para a formação de professores. Nessa instituição estudei até a 4ª série do antigo ensino primário, atualmente ensino fundamenta II

As instituições devem assegurar e valorizar, em seu cotidiano, jogos motores e brincadeiras que contemplem a progressiva coordenação dos movimentos e o equilíbrio das crianças. Os jogos motores de regras trazem também a oportunidade de aprendizagens sociais, pois ao jogar, as crianças aprendem a competir, a colaborar umas com as outras, a combinar e a respeitar regras (BRASIL/MEC, 1998, p. 35).

A partir dos estudos da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) de 1996, a criança é percebida como sujeito histórico e de direitos deve ser atendida nas instituições de educação infantil, pois neste ambiente ela vai se desenvolver a partir de interações, como também das trocas de experiências no seu cotidiano e à medida que interage com outras crianças, constrói sua identidade individual e coletiva.

Sentia-me desmotivada com a metodologia, repetitiva e enfadonha, das educadoras da época, de modo que certo dia eu corrigi uma de minhas docentes quando a mesma estava aplicando um ditado. Nessa oportunidade a professora ao invés de falar a palavra *flor* disse *fulor*. Ela se sentiu desrespeitada por mim, e chegou a dizer que a turma deveria obedecê-la e, assim escrever o que ela mandasse. Sentida pelo ocorrido, disse aos meus pais o que tinha acontecido na sala e que não queria mais estudar naquela escola. Frente a essa situação e sabendo da minha capacidade meu pai quis tomar satisfação com a referida docente, mas desistiu, pois acreditava que não teria êxito, mesmo consciente que eu não estava errada.

Frente a esse fato desistir de estudar, tinha muita vontade de continuar o ano letivo na cidade de Cachoeira dos Índios (PB), lá os educadores eram mais preparados em comparação ao local que eu vivia, porém essa vontade não passava de um sonho a realizar, pois meus pais não tinham condições de arcar com as despesas para que os filhos estudassem numa escola melhor, quanto mais em outra cidade.

Depois do ocorrido me senti muito frustrada e comecei a ter medo de falar e participar das aulas, daí passei a pensar que ser um bom aluno era ser calado, só escutando e recebendo

as informações repassadas pelo professor. Hoje percebo que esse fato de minha vida é algo retratado nas idéias do educador Paulo Freire (1987), quando o autor diz:

Se o educador é o que sabe, se os educandos são o que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de “experiência feita” para ser de experiência narrada ou transmitida. (p.60).

Mesmo fora da escola, todas as noites eu e meus irmãos ainda brincávamos de escolinha, no armazém da nossa casa, à luz de lampião. Interessante que nesse “faz de conta” não podíamos fazer barulho, na verdade, tinha que ser tudo com muito silêncio, pois nossos pais não queriam ser interrompido na hora em que estavam escutando o programa A voz do Brasil<sup>1</sup>. Importante dizer que nesses momentos sempre queria ser a professora, então fazia de um papelão o quadro, e de um pedaço de carvão o giz. Bruno Bettelheim (2011) participa desse debate sobre a importância da brincadeira do faz de conta para a vida da criança explicando que:

A entrada da criança no mundo do faz de conta marca uma nova fase de sua capacidade de lidar com a realidade, com os simbolismos e com as representações. Com o brinquedo a criança satisfaz curiosidades e traduz o mundo dos adultos para a dimensão de suas possibilidades e necessidades. Isso ocorre porque a criança precisa vivenciar ideias em nível simbólico para compreender o significado na vida real; ou seja, o pensamento da criança evolui a partir de suas ações, razões pela qual as atividades concretas são tão importantes para o desenvolvimento infantil (BETTELHEIM, 1988*apud* MELO, 2011, p.5).

Vendo nossa vontade de aprender meu pai fez um quadro de madeira compensada para que pudéssemos estudar e aquilo foi ficando até divertido, tinha dia que ele mesmo ministrava as aulas e era muito interessante.

Passaram então alguns anos, e quando tinha 14 anos de idade fui morar no município de Cajazeiras (PB), na casa de um juiz de direito, trabalhando como babá de um de seus filhos. Preocupados com a minha educação, meus patrões manifestaram o desejo de que eu voltasse a estudar, e isso seria, na verdade uma condição para eu permanecesse com eles. Daí em diante minha vida estudantil melhorou muito, antes eu queria estudar, mas como morava

---

<sup>1</sup>A Voz do Brasil- é um noticiário radiofônico estatal de difusão obrigatória que vai ao ar diariamente em todas as emissoras de rádio aberto do Brasil, às 19h00min horas. A voz do Brasil faz parte da história brasileira, além de ser o programa mais antigo do rádio ainda em execução nos dias atuais.

no sítio, era um sofrimento, pois não tinha condições de arcar com as despesas. Naquele tempo o governo federal não era tão preocupado com a educação como nos dias atuais, oferecendo bolsas para garantir a permanência das crianças nas escolas, como é o caso do Programa Bolsa Família. Esse é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo país. A bolsa família integra o plano Brasil sem miséria.

A bolsa família possui três eixos principais: a transferência de renda promove o alívio imediato da pobreza, as condicionalidades reforçam o acesso a direitos sociais básicos na área de educação, saúde e assistência social; e as ações e programas complementares objetivam o desenvolvimento das famílias, de modo que os benefícios consigam superar a situação de vulnerabilidade (BRASIL/PORTAL MDS, 2014).

Em 1995 dei início a 4ª série na escola Antônio Milanês na cidade de Cajazeiras (PB), nesta instituição quem tinha um bom desempenho cursava duas séries no mesmo ano, e isso aconteceu comigo, de modo que 4º e a 5º série no mesmo período. O fato de finalizar o ensino fundamental I me deixou bastante motivada para continuar os estudos, isso também deixou meus padrões muito satisfeito com meu esforço e dedicação. Em 1996, iniciei os estudos na escola estadual, Dom Moises Coelho, na mesma cidade, nesta cursei da 6ª a 8ª série, vindo ser concludente em 1998.

No ano de 1999 estava cursando o ensino médio no colégio Constantino Vieira, também em Cajazeiras (PB), e uma grande tristeza veio a acontecer, a família que me deu tanta força para continuar os estudos foi transferida para Campina Grande (PB), e desta vez não pude acompanhá-los, pois ainda era menor de idade e meu pai não me deixou ir com eles.

Frente a essa situação voltei a morar novamente no sítio de meus pais e para continuar aos estudos tinha que me deslocar de ônibus todas as noites para o colégio, que ficava na cidade de Cajazeiras (PB) aproximadamente 20 quilômetros, ou seja, saía de casa 17h30min, e chegávamos 23h30min da noite. Na verdade, fazer esse trajeto todas as noites tornou-se um tormento, pois, eu e o meu grupo de amigos sofríamos bastante preconceito devido às nossas origens culturais e à cor negra de nossas peles.

Comumente o nosso grupo era alvo de apelidos, tais como: *Nega do cabelo duro; Vera verão; Eguinha procotó; (lacraia) Baleia Free Willy*, dentre outros. Nesse sentido, é importante aqui relatar um dos muitos episódios que vivi nesse período, em que fui vítima de racismo. Certo dia, uma das estudantes, que também era minha prima, por nome de Lirian veio a chorar na parada do ônibus, em função dos preconceitos vividos. Sobre o racismo afirma (SILVA, 2001).

O estereótipo do negro estigmatizado em papéis de baixo prestígio social contribui, em grande parte, para que as pessoas de pele clara tenham adquirido o senso comum de que os negros não tem papéis diversificadas e que esse é o “*seu lugar*” na sociedade, bem como para que muitos negros no passado interiorizassem essa representação e aceitassem como natural a estigmatização como “*seu lugar*” na sociedade[...].(p. 40,41).

Neste momento, chegou então um rapaz, que tinha muita consideração por nós, e ao tomar conhecimentos da situação, pegou o cassete do guarda municipal, entrou no ônibus e indagou quem era o covarde e fraco, que estava agindo com racismo com o nosso grupo. Lembro bem que ele disse: “*Se forem homens... bando de fracos... se levante e chamem minhas primas de negras, ou mesmo de bonitas*”. Nenhum de nossos agressores teve coragem de assumir os feitos racistas e, assim, pela primeira vez conseguimos chegar à nossas casas sem sermos agredidas verbalmente.

Confesso que fiquei com muito medo de acontecer uma grande confusão dentro do transporte escolar por nossa causa, e as coisas piorarem ainda mais a nosso grupo. Esse nosso amigo ainda veio algumas noites saber se o nosso grupo estava sendo vítima de racismo, dentro do ônibus, e como dissemos que estava tudo bem, ele não veio mais nos procurar.

Pouco tempo depois voltei a morar em Cajazeiras (PB) novamente com outra família, nessa casa não tinha as mesmas oportunidades e incentivo para estudar, como o vivido junto aos meus antigos patrões. Mas mesmo assim continuei na perseverança de tentar continuar meu processo de escolarização. No ano de 1999, cursando o ensino médio fui reprovada junto à disciplina de matemática, avalio que o professor da referida matéria, era por vezes muito

grosseiro com alguns colegas de minha turma, e muito atencioso com outros. Fiquei muito triste com o resultado da prova final, pois nunca tinha sido reprovada antes.

Dando sequência a minha vida escolar, em 2000, repeti o 1º ano do ensino médio, e em 2001 fiz o 2º ano, mas já no ano de 2002, fui novamente reprovada no 3º ano, agora junto à disciplina de química vindo a concluir somente em 2003.

## **1.2 Minha chegada à universidade**

Chegar à universidade foi um desafio que enfrentei e me que custou muito, mas que valeu a pena para mim e também para minha família. Sempre tive uma vida diferenciada de muitas jovens da minha época, pois comecei a ter responsabilidades de gente grande muito cedo, sendo levada, muito nova, a trabalhar em casa de família.

Quando morava no sítio de meus pais tinha muita vontade de ter alguns pertences de ordem pessoal, tais como, perfume, roupas, sandália, etc.. Sentimento comum a muitas jovens de minha idade, mas isso era praticamente impossível, pois meus pais não tinham condições financeiras para atender aos desejos dos filhos, logo éramos um grupo dez (10) crianças, sendo 07 (sete) mulheres e 03 (três) homens. Quando se aproximava as festividades juninas e do fim de ano, ganhávamos uma roupa nova e uma sandália havaiana, era o que meus pais podiam nos dar, mas eu achava pouco e, assim, queria trabalhar, ser independente e até mesmo para ajudar em casa. Então foi quando convenci meu pai a me deixar estudar e trabalhar em Cajazeiras, de modo a *andar com meus próprios pés*.

Foi um desafio muito difícil, pois ainda era muito nova, nunca tinha saído de casa, mas mesmo assim, me determinei a permanecer na cidade. Meu pai me deixou em Cajazeiras, e logo me advertiu, num tom de ironia, que caso eu desejasse retornar, eu deveria permanecer pelo menos uma semana fora de casa, ou seja, trabalhar, para ganhar o dinheiro da passagem de volta. Por diversas vezes tive vontade de desistir, parar de estudar e voltar para o seio familiar, mas sempre me lembrava das palavras de meu pai, que apesar de duras, me encorajaram a não desistir.

A saudade de casa, a falta da minha rede, a distância da minha sobrinha Gabriela (na época era a única), também serviram de incentivo para que eu permanecesse. O sofrimento e a

saudade serviram de ferramentas para que eu lutasse pelos meus objetivos e a obter sucesso nos estudos. Enfrentar tudo isso, foi algo desafiador, mas não impossível.

Sair do sítio e morar na cidade me levou a conviver com pessoas estranhas que possuíam costumes e culturas diferentes da minha região, algo nada fácil, mas ainda assim, consegui conciliar trabalho e estudo, e pude obter o certificado de conclusão do ensino médio.

Para terminar essa etapa da minha vida estudantil foi preciso muita força de vontade e querer a cima de tudo vencer. Trabalhava o dia inteiro cuidando de três crianças, além de realizar as atividades domésticas, quando chegava à noite ia para a escola, no entanto, sempre chegava atrasada, pois meus patrões só retornavam para casa depois das 19:00 hs, e as aulas começavam no referido horário. Tal situação me levou a ser mal vista perante a escola, pois constantemente perdia a primeira aula, e era alvo de reclamações por parte da professora e da direção da escola. A situação só piorava quando tinha que realizar as provas escolares.

De 2003 a 2007, infelizmente, fiquei sem estudar, devido à sobrecarga de afazeres que fui submetida em meu trabalho. Em 2008 resolvi prestar vestibular para o curso de Pedagogia, não porque percebesse vocação para a área, pois minha vontade era cursar o bacharelado em direito e ser delegada, mas por ser um curso menos concorrido. Para minha surpresa fui aprovada, sendo classificada em 23º lugar, ainda assim pensei em fazer matrícula institucional, e tentar sucesso na área que tanto sonhava, mas com os estudos desenvolvidos na referida licenciatura fui me interessando pela docência. Posso dizer que a disciplina de estágio em educação infantil foi fundamental para que eu me interessasse pelo curso. Por outro lado, também cheguei a me decepcionar quando presenciei o modo desrespeitoso com que um aluno (escola) era tratado pelo grupo de colegas e também pela docente, isso devido ao fato deste ter epilepsia. Avalio que sua doença não o impedia de fazer as atividades escolares, como os demais da turma, no entanto, a professora não o deixava copiar a atividade da lousa como os demais educandos, sob a alagação de este não conseguia, pois era doente. Sobre o comentado lembrei Pinto (2000).

[...] um professor formado com essa preocupação não só estaria mais apto a lidar com esse tema de modo mais adequado, como poderia transmitir aos seus alunos uma postura mais aberta e receptiva às diferenças, sejam elas de caráter social, racial, cultural. Além disso, um professor que recebeu informações a respeito, que foi alertado para as questões decorrentes dessa diversidade, que teve oportunidade de discuti-las, provavelmente estará mais atento às mesmas.(p. 126).

Diante das experiências vivenciadas no curso posso afirmar que o Estágio Supervisionado é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência de sala, o licenciando poderá refletir sobre métodos de ensino, e até mesmo sobre suas experiências escolares e vislumbrar sua atuação docente.

Agora estou concluindo o curso de Pedagogia posso dizer que minha perseverança valeu muito, não somente como discente, mas como pessoa pensante que me tornei por meio do Centro de Formação de Professores (CFP) dessa faculdade. Quando ingressei na universidade, pensei que não iria acompanhar os ritmos dos demais alunos, pois todos eram muitos ativos e participativos no momento da sala. Mesmo avaliando que os professores do curso usavam de metodologia interessante continuava a me sentir incapaz de dar continuidade ao curso. Assim passaram os primeiros semestres e o resultado das provas era notas baixas, isso porque eu estava acostumada a decorar os conteúdos, e como os docentes exigiam que a turma lesse textos, refletissem sobre as ideias ali presentes, e ainda apresentassem a nossa opinião sobre os mesmos, isso me deixava bastante aflita com tal metodologia de ensino.

Dessa forma tive muita dificuldade de acompanhar esses métodos, chegando a reprovar em algumas disciplinas, como, por exemplo, Fundamentos Metodológicos do Ensino de Matemática, Iniciação aos Estudos Linguística, Leitura e Produção Textual e Psicologia II. Com o passar do tempo fui compreendendo e percebendo a validade dessa metodologia de ensino usada pelos meus docentes, isso porque observava que eu estava de fato aprendendo os conteúdos, e não apenas decorando-os para fazer as provas. Para refletir sobre como mudei o meu modo de compreender a avaliação me apoio em Freire (1996):

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica (p.43).

Contudo, posso afirmar que ao ingressar na universidade passei por dificuldades para acompanhar os métodos de ensino e de avaliação da aprendizagem utilizado pelos educadores do curso de Pedagogia, porém só com o decorrer dos períodos fui percebendo que estava me tornando uma pessoa mais reflexiva, sobre essa questão J. SILVA (2003) diz:

A maneira como o sujeito aprende [passa a ser] mais importante que aquilo que aprende, porque facilita a aprendizagem e capacita o sujeito para continuar aprendendo permanentemente. Conscientes do modo como o sujeito aprendem [o professor e a professora] descobre a forma de ajudá-lo. (J. SILVA, 2003, p.15).

Ainda sobre esse assunto a referida autora afirma que a maneira como o aluno aprende torna mais importante do que o que aprende, logo, nesse sentido utilizar métodos inovadores será um meio para favorecer a aprendizagem dos alunos.

### **1.3 Escolha pelo tema**

A partir das experiências tanto na escola, bem como na faculdade percebo que o tema da Avaliação da Aprendizagem representa um entrave na educação. Por sua vez, tive oportunidade, junto ao curso de Pedagogia, de fazer leituras de autores que estudam acerca da referida temática. Li, por exemplo, autores como Janssen Silva (2003), que se posiciona quanto à avaliação, dizendo:

[...] A avaliação é concebida como processo/instrumento de coleta de informação, sistematização e interpretação das informações, julgamento de valor do objeto avaliado através das informações tratadas e decifradas, e, por fim, tomada de decisão (como intervir para promover o desenvolvimento da aprendizagem significativa). Nessa medida a avaliação é espaço de medição/aproximação/dialogo entre formas de ensino dos professores e percursos de aprendizagem dos alunos. (J. SILVA, 2010, p. 14-15).

Para Maria Teresa Esteban (2008), a avaliação:

Inscribe-se no conjunto de práticas escolares e sociais que enfatiza a produção do conhecimento como processo realizado por seres humanos em interação, que, ao conhecer, se conhecem; ao produzir o mundo no qual vivem, se produzem ao viver, vão esgotando suas possibilidades de vida individual e estreitando os laços que unem cada um e da uma há infinita rede de vida (ESTEBAN, 2008, p. 30-31).

Já Luckesi (2002, p.81) diz que “a avaliação deve ser um instrumento de compreensão no processo de aprendizagem do aluno para o professor e, portanto ela tem caráter diagnóstico e não classificatória”.

O valor da avaliação encontra-se no fato do aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e dificuldades, vendo o erro como uma ferramenta para alcançar os objetivos a serem traçados, e não apenas um meio de identificar a capacidade ou incapacidade dos alunos, logo, é papel do educador desafiá-lo a superar as dificuldades e continuar prosseguindo na construção dos conhecimentos. Luckesi (2002) enfatiza também a importância dos critérios, pois a avaliação não poderá ser praticada sob dados inventados pelo professor, apesar da definição desses critérios não serem fixos e imutáveis, modificando-se de acordo com a necessidade de alunos e professores.

A esse respeito, Haydt (2004) afirma:

A observação é uma das técnicas de que o professor dispõe para melhor conhecer o comportamento de seus alunos, identificando suas dificuldades e avaliando seu desempenho nas várias atividades realizadas e seu progresso na aprendizagem. Através da observação direta dos alunos no contexto das atividades cotidianas de sala de aula, onde eles agem espontaneamente, sem pressão externa que altere sua conduta (como no caso de uma situação de prova), o professor pode colher e registrar muitas informações úteis sobre o rendimento escolar, complementando os dados fornecidos por provas e testes (p.123).

Sabendo que todos os dias somos avaliados em nossas casas, no trabalho e, sobretudo na escola, será papel do professor conhecer as dificuldades e habilidades de cada educando, para assim aplicar o melhor método avaliativo, valorizando assim suas particularidades, ato esse desconhecido em maioria das escolas do nosso país.

Assim, o meu interesse pelo tema da Avaliação da Aprendizagem se deu primeiramente pela minha história de vida, como aluna que sofreu bastante, pois tinha que trabalhar e estudar, devido às baixas condições financeiras de minha família, e por ser levada, pela escola, a decorar os conteúdos, e assim, tirar boas notas. Por sua vez, ao iniciar o curso de Pedagogia passei a viver experiências diferenciadas quanto à avaliação da aprendizagem, sendo levada a fazer leituras e reflexões sobre os mais diversos temas ligados ao processo de

escolarização e da educação. Daí que para construir esse trabalho busquei elementos em minha própria história de vida.

[...] todo projeto de pesquisa tem a marca indelével das motivações do pesquisador, declaradas ou não [...] tem uma história cuja gênese frequentemente situa-se muito antes do próprio processo de pesquisa, tendendo a determinar algumas de suas feições e contradições ulteriores. Devido a nossa formação objetivista, raramente a mencionamos, até porque nem sempre temos a clareza dela e de seus efeitos sobre a pesquisa (PETIT, 2001, p. 126).

Nesse sentido, me amparo também nas ideias de Freire quando este trata da importância de pensarmos sobre o caráter da ciência em nossas vidas.

[...] considero importante, nessa altura de nossa conversa, insistir mais uma vez sobre o caráter político da atividade científica. A quem sirvo com a minha ciência? Esta deve ser uma pergunta constante a ser feita por todos nós. E devemos ser coerentes com a nossa opção, exprimindo a nossa coerência na nossa prática (FREIRE, 1981, p. 36).

Levando, primeiramente, em consideração o que hoje prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, sobre a referida temática, em que afirma:

## **CAPÍTULO II**

### **Da Educação Básica**

#### **Seção I Das Disposições Gerais Art. 24.**

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (BRASIL, MEC, 1996).

E em paralelo as experiências que tive com a Avaliação, é que desenvolvi esse trabalho de cunho científico com a seguinte pergunta central:

- *Quais as estratégias metodológicas hoje usadas pelas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental I, para avaliar os alunos?*

## **2. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: NOVOS MÉTODOS, NOVOS CONCEITOS.**

Sabendo que a avaliação é um assunto que vem sendo discutido e questionado nos dias atuais nas escolas, e sendo um mecanismo que orienta e acompanha o processo educativo e ensino aprendizagem do educando, torna-se inevitável à reflexão sobre a ação pedagógica que o educador deve ter frente ao ato de avaliar seus alunos. Logo, deve aprimorar suas práticas docentes, tornando-se aptos a respeitar as individualidades de cada educando, pois este procedimento serve também para o professor observar suas metodologias de ensino e, assim reconhecer aonde precisa ser aprimorado.

Desta forma, é fundamental em que os alunos precisam melhorar, valorizando seus próprios erros e dificuldades, logo estes, são métodos que se bem utilizados podem contribuir para uma aprendizagem diante dos mesmos. Portanto, para construir esse trabalho estudei sobre as diferentes visões de autores em relação à avaliação da aprendizagem, como também observei as orientações que os estudiosos trazem sobre a Avaliação da Aprendizagem dando sequência ao nosso estudo em pauta.

Quando falamos em avaliar, logo o que vem à mente é algo sobre o julgar, classificar e/ou mesmo medir conhecimentos. Desse modo, o avaliar quando visto desta forma serve para medir conhecimentos de forma quantitativa, tornando-o algo frustrador e ameaçador para os estudantes.

Além de não somente julgar, a Avaliação da Aprendizagem na educação brasileira tem como grande desafio promover a aprendizagem de todos os alunos e garantir um percurso de sucesso durante e depois de sua vida estudantil, mas isso só será possível ou tornar-se realidade se aspectos pedagógicos tidos como relevantes passarem a fazer parte de uma gestão que priorize as formas de pensar, sentir e atuar para garantir a aprendizagem do educando em sala de aula.

Nessa perspectiva significa que o ideal para o desenvolvimento de uma avaliação escolar é atender às necessidades de escolarização, porque os alunos são os que mais sofrem com o modelo tradicionalista de educação que é utilizado nas escolas. Desta forma, a avaliação tem como função verificar mudanças qualitativas na aprendizagem do aluno. Ao se referir a temática da Avaliação, o Governo Federal, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da educação (Lei nº 9.394/96), estabelece que:

A verificação de o rendimento escolar observa seguintes critérios: avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre o de eventuais provas finais. (BRASIL, 1996, art.24).

Sobre o que nos diz a LDB n° 9.394/96, ela mostra que a avaliação deve ser vista e analisada como um recurso para auxiliar e orientar o educador em sua prática educativa, prevalecendo à qualidade da avaliação sobre a quantidade. Muitos professores se prendem somente a provas tradicionais e enfadonhas, aquelas que o aluno é levado a decorar os conteúdos, sem para isso estabelecer uma relação de reflexão, pois o que é levado em consideração é atingir uma nota ou média indicada, para não sair como reprovado ou mesmo identificado perante os colegas aquele que nada sabe.

Sabendo do que poderá acontecer, o aluno preocupa-se mais em decorar o conteúdo ministrado em sala, ou mesmo organizar as tradicionais *colinha*, pois assim está garantindo a nota quantitativa que o educador espera, prevenindo-se de uma possível reprovação futura. Desta maneira, o docente como um mediador, deve-se criar métodos avaliativos que valorize o conhecimento do aluno, dando a oportunidade de expor suas ideias e opiniões transformando-os e incentivando-os no seu crescimento intelectual como também pessoal, sendo capazes de realizar uma avaliação com mais prazer e inspiração, fazendo valer o que aprendeu, e não o que decorou.

Diante dessa premissa, observei que grande parte dos professores age dessa maneira, pois as marcas de um passado que trazem, e normas já estabelecidas são reflexos repetidos até nos dias atuais no que se refere à avaliação.

Para Hoffmann (2005)

Há muito a refletir sobre cada momento da aprendizagem de um aluno: sobre suas concepções prévias, seu saber construído a partir de suas experiências de vida, sobre sua forma de expressar tais conhecimentos, sobre suas possibilidades cognitivas de entendimento das questões formuladas, sobre seus desejos e expectativas em termos de conhecimento. (p. 135).

Já Antunes (2002) ao se referir sobre o tema da avaliação enfatiza que:

O foco de uma avaliação jamais deve estar centrado no conteúdo trabalhado, mas na capacidade de contextualização revelada pelo aluno em aplicar os ensinamentos desses conteúdos em outros níveis de pensamento, outras situações e até mesmo outras disciplinas. (p. 32).

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo-a-passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, aquilo que não foi satisfatório no decorrer do trabalho pedagógico em junção professor-aluno, esses são comparados com os objetivos propostos a serem atingidos, a fim de constatar progressivamente, dificuldades, e reorientá-lo para as correções necessárias na prática, lembrando que a avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do educador como do educando.

Em que medida a tarefa proposta possibilita ao aluno a organização de ideias de forma própria, individual? O questionamento realizado permite a construção de variadas alternativas de solução? Qual relação que a tarefa sugere com estas outras áreas do conhecimento? As ordens dos exercícios são 'de respostas'? (HOFFMANN, 1991, p.57).

Há diversas modalidades e tipos de avaliação que pode ser imposta às escolas, isso depende do que se pretende verificar, dentre tantas, as mais presentes nos dias atuais nas instituições de ensino é a famosa e conhecida provas escritas, os trabalhos em grupos, dentre outros.

A avaliação da aprendizagem na educação brasileira tem como meta desafiadora promover uma educação de qualidade, que favoreça uma aprendizagem significativa tornando ou sendo presente não somente em sala de aula, mas no contexto familiar, social e cultural dos educandos, e a partir desta possam garantir um percurso de sucesso durante e após sua vida escolar. Logo, isso só será possível se gestores e coordenadores escolares priorizarem as formas de pensar e sentir dos alunos individualmente, e atuem para garantir a aprendizagem dos educandos dentro e fora da sala de aula. Assim, faz-se necessário o educador ver os erros dos alunos como uma ponte para chegar a uma aprendizagem de qualidade. Para Méndez (2002):

No âmbito educativo, a avaliação deve ser entendida como atividade crítica de aprendizagem, porque se assume que a avaliação é aprendizagem no sentido de que por meio dela adquirimos conhecimento. O professor aprende para conhecer e para melhorar a prática docente em sua complexidade, bem como para colaborar na aprendizagem do aluno, conhecendo as dificuldades que deve superar o modo de resolvê-las e as estratégias que coloca em funcionamento. O aluno aprende sobre e a partir da própria avaliação e da correção, da informação contrastada que o professor oferece-lhe, que será sempre crítica e argumentada, mas nunca desqualificadora, nem punitiva. (p.14)

Méndez (2002), ainda indaga que necessitamos aprender sobre e com a avaliação. Ela atua, então, a serviço do conhecimento e da aprendizagem, bem como dos interesses formativos aos quais essencialmente deve servir. No entanto, a avaliação quando é aplicada de forma a reconhecer os erros e acertos dos alunos e usar a correção como um instrumento de aprendizagem pode assegurar uma boa educação e, sobretudo uma aprendizagem que tenha sentido para o aluno durante toda sua vida.

Nesse sentido, é necessário que o educador faça uma meditação ou reflexão sobre o processo de avaliação, mais precisamente de recuperação, para compreender o significado desta no processo de ensino e aprendizagem, como a escola pode contribuir nesse processo avaliativo e quais fatores os professores devem levar em consideração para realizar a recuperação. Esses são pontos que devem ser questionados e averiguados para que esta nova chance sirva de um instrumento que conduza o aluno ao processo de aprendizagem, que eles entendam que com seus erros surgiram novas perspectivas de ensino.

Nesse aspecto, é necessário que o professor repense sua forma de avaliar, fazendo uma análise sobre a importância da avaliação escolar realizada de maneira que valorize as habilidades e competências do aluno, dando um novo significado a avaliação quebrando o tabu de medição que esta reflete para os educandos.

## **2.1 Reflexos sobre a avaliação da aprendizagem**

Durante muito tempo, a avaliação da aprendizagem escolar esteve pautada na seleção e na classificação dos alunos. Nesse sentido, o erro era considerado como fator um determinante que identificava o aluno como um sujeito incapaz de estender os conteúdos, desta forma, o erro não era visto ou considerado como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem do aluno. Sobre esse comentário cito Meroni (2003).

O erro não é necessário ao processo de ensino-aprendizagem, mas quando presente deve ser visto ou encarado como um sinal amarelo, um alerta de que determinado conteúdo ainda não foi realmente incorporado à realidade da criança como algo aceitável dentro de seus esquemas cerebrais. Este fato é um dado importante para o professor e deve servir de base, trampolim para novos experimentos que, conseqüentemente, levarão à formulação de novos conceitos. (p. 105).

Deste modo, a avaliação é a classificação dos alunos em bons ou maus, acreditando desta forma que a avaliação em muita das vezes serve como uma punição para os alunos tidos como “maus” e prêmios para os “bons”. Relembro com muita intensidade uma criança da zona rural de Cachoeira dos Índios (PB), cidade onde nasci chorar desesperado por não ter passado numa prova final, pois com esse resultado, seu pai iria lhe tirar da escola. Desesperada não somente com o resultado da avaliação, mas com o castigo que o pai ia aplicar ao filho, que era ficar sem estudar, e sabendo da decisão do marido, sua mãe pediu-me para falar com ele, pois este tinha muito consideração pela minha pessoa e talvez com uma conversa resolvesse a angústia que aquele pai analfabeto estava sentindo, isso por ser uma discente universitária poderia convencer ao pai não castigá-lo dessa forma. Sobre o assunto Perrenoud (1999) afirma:

[...] O prêmio ou o castigo, o orgulho de ser distinguido ou medo do policial não são motores inventados pela a escola, mesmo que ela os faça funcionar a todo vapor. Quando a liberdade das crianças e dos adolescentes depende de suas notas, quando sua mesada varia para cima ou para baixo em função de seus resultados escolares, quando não recebem amor ou estima se apresentam contra desempenhos e recebem amor e louvação no caso contrário, exerce-se uma forte pressão sobre seu comportamento na escola. (p.70).

Neste sentido, a Avaliação da Aprendizagem tem sido associada à elaboração e a execução de provas bimestrais, que tem por objetivos apenas medir o conhecimento adquirido pelo aluno num determinado tempo estabelecido pela instituição de ensino, assim, os resultados das provas torna-se mais importante para o educador do que a aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos ministrados e aplicados em sala de aula, o que leva os alunos a muita vezes se interessarem em estudar somente aquilo que o educador trabalha em suas aulas, e que vai constar nas provas.

Deste modo, é comum escutar indagações ameaçadoras por parte dos próprios professores sobre a avaliação, o que relata as seguintes frases: *Estudem, estude, isso vai cair*

*na prova; na prova vocês me pagam; Quero ver as notas na prova.* Essas são afirmações que deixam os alunos com medo e frustrados na hora de fazer uma avaliação, primeiro pelo *bicho papão* que os educadores fazem, depois com medo dos castigos excessivos que os pais aplicam, caso esses não passem de ano, o que lhe ocasiona em decorar os conteúdos exigidos pelo professor, não porque estes sejam importantes e significativos na sua aprendizagem, e sim por terem que se sair bem nas provas, o que lhe ocasiona a *colar* na hora de realizar os testes avaliativos.

Diante disto, fica em destaque a preocupação da escola dos pais e professores perante a aprovação e a reprovação dos alunos, ou seja, nesse sentido o conteúdo que o educando assimilou não se torna tão significativo, mas sim, o que ele não aprendeu torna-se essencial. Logo o interesse está na nota quantitativa que o sujeito adquiriu, independente como este conseguiu. Concordamos como Luckesi (2011 p.63-64) quando esse diz

Tanto o ato de centrar nossa atenção exclusivamente sobre o produto ou sobre o processo de aprendizagem na escola, seguido do melhor produto, depende da concepção que temos sobre o ser humano e sua trajetória na vida, ou seja, dependem da teoria pedagógica e do projeto pedagógico que temos. Caso assumamos uma teoria que compreende o ser humano como “pronto”, somente desejamos olhar para o produto, qualquer produto, atitude expressa pela frase; caso tenha atingido o nível esperado, está bem; caso, não tenha chegado a esse produto, a questão é do estudante (p.63-64).

Nessa perspectiva, a avaliação é muitas das vezes, um meio para classificar e rotular os educandos. Os educadores deveriam conceber a avaliação como um processo contínuo de observação sobre o cotidiano em sala de aula e do desenvolvimento dos alunos.

## **2.2- O que é avaliar?**

Diante de todo o exposto sobre o tema da avaliação, suas funções, seus percalço se benefícios, é possível dizer que avaliar será antes de quantificar o aluno em *inteligente ou burro* através de notas quantitativas, deve ser algo que permita uma auto avaliação a cerca do que foi ensinado, como foi ensinado e para quem foi ensinado o conteúdo em sala de aula, respeitando deste modo as individualidade e particularidade dos alunos, pois cada educando traz suas culturas, origem e crenças, logo, cada sujeito tem seu modo e tempo da aprendizagem. Sobre esse modo de pensar Méndez (2002) afirma

A forma como a avaliação é realizada, inspirada na racionalidade prática e crítica, pressupõe o posicionamento ideológico a favor da educação entendida como processo de desenvolvimento das pessoas. É uma aposta nas possibilidades que todos os cidadãos têm para integração produtiva na sociedade. É também o compromisso ideológico diante da educação, do conhecimento e da formação integral das pessoas [...] para realizar essa forma de avaliação, é necessário que o professor reconheça a legitimidade de cada sujeito para participar no diálogo, situado em uma dinâmica de aprendizagem cooperativa (p.92).

Neste sentido, o educador deve analisar as metodologias utilizadas em sala, se estão sendo suficientes para incidir ou atingir os objetivos dos sujeitos de forma clara e significativa, tanto para o aluno como para o professor. O nível de aprendizagem dos alunos deve ser respeitado, logo é partir das observações que o educador faz dos mesmos, que o mesmo pode observar se são capazes de realizar as atividades que será aplicada em sala, se houve aprendizagem, ou não, daquele educando e se suas expectativas foram superadas e alcançadas diante do objetivo que está sendo proposto. Sobre o comentado a firma Mendes (2002)

Nesse contexto de aprendizagem, os alunos terão oportunidades para ver, ouvir, debater e avaliar as explicações e as justificativas próprias da matéria em questão. As aulas estarão centradas mais em analisar, raciocinar, argumentar, criticar e persuadir do que em memorizar os procedimentos trilhados e em reproduzir respostas automáticas. A avaliação estará centrada mais no que os alunos conhecem e são capazes de fazer (p.97).

Pode-se afirmar que para avaliar o aluno, é necessário o educador como profissional da educação fazer uma avaliação de seus métodos e práticas educativa, pois o aluno pode não ter entendido ou compreendido com a metodologia utilizada em aula, por isso pode, ou não, alcançar o objetivo desejado que será a aprovação.

Desta forma, antes de avaliar é fundamental criar meios inovadores para surgir uma aprendizagem dos alunos, ou seja, deve se preocupar mais com a aprendizagem dos educandos para assim pensar como irá aplicar a avaliação, pois alguns educadores pensam somente em preencher sua carga horária do diário da escola sem preocupar-se com o ensino e aprendizagem dos educandos, desse modo passa a ser mais examinadores do que avaliadores. Já diz Luckesi (2011),

O ato de examinar tem como função a classificação do educando, minimamente, em “aprovado ou reprovado”; no máximo, em uma escala mais ampla de graus, tais como as notas, que variam de 0(zero) a 10(dez) ou como é uma escala de conceitos, que pode conter cinco ou mais graus. Ao ato de examinar não importa que todos os estudantes aprendam com qualidade, mas somente a demonstração e classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam. (p.62).

Para o referido autor o ato de examinar está voltado para o passado, na medida em que deseja saber do educando somente o que ele já sabe ou aprendeu, o que ele não aprendeu não traz nenhum interesse. Sobre o avaliar cito novamente Luckesi (2011),

Diversamente, o ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessário. Assim, a avaliação é diagnóstica. Como investigação sobre o desempenho escolar dos estudantes, ela gera um conhecimento sobre o seu estado de aprendizagem e, assim, tanto é importante o que ele aprendeu como o que ele ainda não aprendeu. O que já aprendeu está bem;mas, o que não aprendeu (e necessita de aprender, porque essencial) indica a necessidade da intervenção de reorientação..., até que aprender. (idem).

### **2.3- Tipos e Funções da avaliação da aprendizagem**

Sabendo que a avaliação está pautada em muitos aspectos das nossas vidas, é que o educador deve realizar as observações precisas sobre os alunos, levando em consideração o que cada tipo de avaliação oferece e estabelece para que seja realmente uma metodologia de ensino e aprendizagem eficiente. Dentre estas focaremos as mais presentes no nosso cotidiano escolar segundo os conceitos de autores que defendem a temática.

Santos (2005) ao tratar da Avaliação da Aprendizagem, defende que esta deve ser desenvolvida por meio das seguintes etapas, a primeira deve ser - a *diagnóstica* -voltada para diagnosticar e verificar a presença ou ausência de pré-requisitos para novas aprendizagens, como também detectar dificuldades específicas de aprendizagem, tentando identificar suas causas.

Contudo, com essa definição significa dizer que a prática da avaliação pressupõe a reação entre professor, conhecimento e sujeito do conhecimento, ou seja, a avaliação está vinculada ao que o professor considera conhecimento válido, útil, desejável e ao que o professor considera uma construção desse conhecimento.

Já a segunda etapa, é a *formativa*, esta controla e constata se os objetivos estabelecidos foram alcançados pelos alunos, está ligada a fornecer dados para aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem. Esse tipo de avaliação é da responsabilidade do educador, e consiste na avaliação destinada a informar sobre o estudo do aluno como o trabalho do professor.

E por fim, a etapa *somativa*, está ligada a classificar os resultados da aprendizagem alcançados pelos alunos, de acordo com os níveis de aproveitamento estabelecidos. Nesse sentido, pode-se então dizer que a avaliação somativa é um componente do processo ensino aprendizagem, cujo propósito é atribuir notas aos resultados da aprendizagem adquirida pelos alunos no final das unidades de ensino, em muitos casos sem mesmo valorizar o que foi apreendido pelo aluno, logo o que prevalece serão as notas que os educandos alcançam na avaliação.

#### **2.4- Dispositivos do Governo Federal para intervir na avaliação**

Preocupado com a avaliação o Governo Federal criou os seguintes dispositivos para intervir na avaliação, que são eles:

##### **A) IDEB**

Em 2007 foi criado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica- IDEB, que está inserido no Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, do Ministério da Educação. É um índice calculado para cada escola e rede escolar, que varia de zero a dez. Essa nota é composta pelas taxas de aprovação dos alunos e pelos resultados de desempenho de alunos em testes chamamos de larga escala, como é o caso do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB e da Prova Brasil. O índice vem sendo calculado pelo Ministério da Educação desde 2007, mas, os primeiros dados divulgados advêm do ano de 2005.

A avaliação da educação brasileira desenvolvida em larga escala pelo Ministério da Educação nos diversos níveis de ensino, sobretudo, no Ensino Fundamental tem como objetivo oferecer subsídios para o monitoramento das políticas públicas e, conseqüentemente, reformas na educação (BRASIL/MEC, INEP, 2008).

Neste sentido, o IDEB amplia as possibilidades de mobilização da sociedade em favor da educação, uma vez que o índice é comparável nacionalmente e expressa em valores os resultados mais importantes da educação: aprendizagem e fluxo. O IDEB também é

importante por ser condutor de política pública em prol da qualidade da educação. É a ferramenta para acompanhamento das metas de qualidade do Plano de Desenvolvimento da Educação – (PDE) que estabelece como meta, para o ano de 2022, que o Brasil atinja um IDEB de 6,0 – média que corresponde a um sistema educacional de qualidade comparável a dos países desenvolvidos.

## B)PROVINHA BRASIL

A Provinha Brasil avalia o nível de alfabetização de crianças matriculadas no segundo ano de escolarização das escolas públicas brasileiras. O exame oferece a educadores e gestores da educação um diagnóstico que permite corrigir eventuais falhas no processo de ensino. Serve de parâmetro para a elaboração de projetos pedagógicos voltados à leitura e à escrita. Com isso, espera-se garantir que as crianças, até os (08) oito anos de idade, saibam ler e escrever.

Até 2010, cada teste da Provinha Brasil era composto por 24 questões de múltipla escolha, com quatro opções de resposta cada uma. A partir de 2011, os testes foram compostos apenas de 20 questões.

Todo ano ocorre um novo ciclo de avaliação da Provinha Brasil. Cada ciclo é composto por duas etapas. A Provinha Brasil é realizada em dois momentos durante o ano letivo: no início do 2º ano de escolarização e ao final desse mesmo ano letivo. Sugere-se que o primeiro teste seja aplicado, preferencialmente, até o mês de abril, e o segundo teste, até o final de novembro.

O objetivo da Provinha Brasil é oferecer informações que possam orientar tanto os professores quanto os gestores escolares e educacionais na implementação, operacionalização e interpretação dos resultados dessa avaliação. Logo, é um instrumento pedagógico, sem finalidades classificatórias, que fornece informações sobre o processo de alfabetização aos professores e gestores das redes de ensino.

## C) PROVA BRASIL

O objetivo da Prova Brasil é realizar um diagnóstico dos sistemas educacionais brasileiros. As informações produzidas por essa avaliação visam subsidiar a formulação,

reformulação e monitoramento das políticas públicas educacionais nas esferas municipal, estadual e federal, contribuindo para a melhoria da qualidade, equidade e eficiência do ensino.

Os questionários da Prova Brasil servem como instrumentos de coleta de informações sobre aspectos da vida escolar, do nível socioeconômico, capital social e cultural dos alunos. Professores e os diretores das escolas, também são convidados a responder aos questionários, que possibilitam conhecer a formação profissional, práticas pedagógicas, nível socioeconômico e cultural, estilos de liderança e formas de gestão.

A metodologia da Prova Brasil baseia-se na aplicação de testes padronizados de Língua Portuguesa e Matemática e de Questionários Socioeconômicos a estudantes de 5º ano e 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio.

#### D) ENEM

A finalidade primordial do Enem é a avaliação do desempenho escolar e acadêmico ao fim do ensino médio. As informações obtidas a partir dos resultados do Enem são utilizadas para acompanhamento da qualidade do ensino médio no País, na implementação de políticas públicas, criação de referência nacional para o aperfeiçoamento dos currículos do ensino médio, desenvolvimento de estudos e indicadores sobre a educação brasileira e estabelecimento de critérios de acesso do participante a programas governamentais. O Enem serve também para a constituição de parâmetros para a auto avaliação do participante, com vistas à continuidade de sua formação e à sua inserção no mercado de trabalho.

#### E) ENEDE

O Enade é um componente curricular obrigatório dos cursos de graduação, conforme determina a Lei do SINAES (nº. 10.861/2004) <sup>2</sup>. De acordo com a legislação, devem ser inscritos no Exame estudantes de todos os cursos de graduação, durante o primeiro semestre (ingressantes) e último (concluintes) ano do curso. É importante destacar que no histórico escolar do estudante fica registrada a situação de regularidade em relação a essa obrigação.

A implantação dos sistemas de avaliação educacional para a educação básica foi uma política que avançou muito no Brasil, por meio de avaliações externas, em larga escala, realizadas por meio de testes padronizados e promovidos pelo Ministério da Educação (MEC). Para isso, foi criado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB como

---

<sup>2</sup> Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. Lei criada pelo Ministério da Educação.

indicador da qualidade para a Educação Básica, como o objetivo de constatar a qualidade da educação oferecida em cada escola (pública) e cada rede de ensino do país. As estratégias usadas para atingir maiores índices do IDEB são várias, podemos visualizá-las nos programas de governo que oferecem melhores condições de merenda escolar, transporte, infra-estrutura, materiais didáticos, tecnologias entre outros, buscando o cumprimento das metas nacionais e internacionais na tentativa de melhorar a qualidade da educação.

Deste modo, os exames desenvolvidos pelo Governo Federal em prol de uma educação de qualidade em nosso país teve como destaque a Provinha Brasil, Prova Brasil, Enem e Enade. Todos esses instrumentos tem por finalidade investigar ou mesmo oferecer um norte quanto ao modo como a educação está acontecendo nos estados e precisamente nas escolas públicas e estadual do nosso país, através destes testes, pode-se averiguar a aprendizagem de nossos educandos. Portanto, o Ideb, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), foi formulado para medir a qualidade do ensino e o aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

Em pesquisa desenvolvida por Souza (2009) sobre as políticas públicas do Governo Federal no que se refere à Avaliação da Aprendizagem, faz algumas críticas sobre esses instrumentos criados pelos MEC para dar conta da Avaliação em nosso país. Embora o Governo Federal tenha investido em políticas públicas voltadas para uma educação de qualidade, como é o caso dos programas: SAEB e Prova Brasil, dentre outros que servem para medir, ou melhor, acompanhar o rendimento escolar e a aprendizagem dos alunos, essa pesquisadora diz:

A avaliação da educação nacional, ao contrário do que se percebe à primeira vista, não está restrita ao terreno pedagógico. Ela reflete orientações políticas dos governos e, muitas vezes, perde seu caráter de diagnóstico de situações a serem aperfeiçoadas, para tornar-se instrumento de controle do Estado. Dá-se a ênfase a avaliação dos resultados (e produtos), e, conseqüentemente, desvaloriza-se a avaliação dos processos, como é o caso dos exames nacionais que reduzem a complexidade do processo educativo apenas ao que é mensurável. E preciso definir se a avaliação será instrumento de controle ou de desenvolvimento, de promoção do ser humano e da escola. (SOUZA, L., 2009, p. 20).

Nesse sentido a avaliação está sendo vista por certo ângulo na sociedade e mesmo nas escolas como um meio de prestação de conta das secretarias responsáveis com a escola e com o estado.

### **3-ANÁLISES DE DADOS**

#### **3.1 - Dados das Entrevistas**

A pesquisa de campo permitiu conhecer e construir a caracterização do perfil dos dois sujeitos entrevistados quanto à formação e o tempo que exercem a profissão. Participaram dessas investigações duas docentes que trabalham no ensino fundamental I, nas salas de 4º e 5º ano.

Interessada em tomar conhecimento acerca das metodologias de Avaliação da Aprendizagem utilizadas pelas educadoras dos anos finais do Ensino Fundamental I, é que decidi entrevistar duas docentes de uma mesma unidade escolar. Fui em busca desse estabelecimento de ensino motivada pelas experiências que vivi durante o período do estágio supervisionado II, no ensino fundamental I. Posso citar, por exemplo, que quando cheguei como estagiária nessa instituição de ensino pude logo perceber como eram ministradas as aulas, daí expandiu o meu interesse de conhecer como eram aplicadas as avaliações.

Vendo a necessidade, e também me sentido motivada a trabalhar com novas metodologias, junto às crianças elaborei aulas lúdicas e dinâmicas para tratar das quatro operações fundamentais na disciplina de matemática. Importante ressaltar que estava previsto pelo cronograma da escola, que durante um dos dias do estágio deveria ser trabalhado a tabuada de multiplicação, de modo que passaria a trabalhar de forma lúdica, pois acreditei que assim traria contribuições para o processo de aprendizagem das crianças. No entanto, fui impedida de realizar a atividade completamente, isso porque a docente pediu que parássemos, argumentando que estávamos fazendo muito barulho e incomodando as demais salas da escola. Ainda que eu tivesse conhecimento de que ela não poderia interferir em nossas aulas decidi atender o seu pedido, o que causou revolta nas crianças. Esse fato, na verdade contribuiu para que aumentasse o meu interesse em pesquisar acerca do modo como eram desenvolvidas as estratégias de avaliação.

Para realizar a coleta de dados elaborei um questionário com 10 (dez) questões, que foram aplicadas junto às duas docentes. A coleta se deu em uma instituição estadual situada na zona oeste na cidade de Cajazeiras (PB), esta fica localizada num bairro de baixa renda. Para realizar a pesquisa primeiramente foi feita uma visita à escola, e nesta ocasião pedimos

autorização à coordenação para apresentar os objetivos do estudo às docentes, e assim pudermos fazer a aplicação dos questionários. Importante dizer que tinha interesse em fazer uma entrevista gravada com as docentes, mas em virtude de não encontrarmos horários compatíveis elas se disponibilizaram para responder o questionário em casa. De modo que foram entregue os instrumentos de investigação para as docentes e após 08 (oito) dias voltei novamente à escola, desta vez para recolher os dados.

Quanto ao perfil das educadoras pude constatar que a Professora 1 (P1), é licenciada em Pedagogia, e já exerce a docência há mais de 12 (doze) anos na Educação Básica, e atualmente está à frente de uma turma do 4º ano (crianças na faixa etária entre 08 e 09 anos). Já a Professora 2 (P2) esta também tem nível superior em Pedagogia, todavia concluiu Especialização em Metodologia do Ensino de Ciências, e no momento cursa Mestrado em Educação. Hoje essa educadora está lotada em uma sala de 5º ano (crianças entre 09 e 10 anos de idade), e exerce a profissão há pelos menos 20 (vinte) anos.

Logo abaixo apresento as indagações feitas às duas docentes acerca do tema da Avaliação Aprendizagem.

A pesquisa buscou conhecer as concepções conceituais das docentes entrevistadas sobre o que é Avaliação da Aprendizagem e para que serve esse instrumento, e sendo assim as entrevistadas definiram que:

Avaliação é um instrumento didático que permite ao professor detectar as dificuldades dos alunos e ajudar a superá-los. Nesse sentido serve ainda para o próprio professor fazer uma avaliação da sua prática pedagógica no sentido de melhorar cada vez mais o ensino aprendizagem. (Professora 1).

Avaliação é um processo contínuo formativo que nos leva a compreender o processo de evolução ou regressão do sujeito mediante o ensino aprendizagem. Logo o processo avaliativo serve para investigar, ou melhor, averiguar a evolução ou não do sujeito aprendente. (Professora 2).

Diante das falas das professoras P1 e P2, Rabelo (2009) destaca que:

No discurso escolar, é lugar comum dizer que a avaliação deve ser contínua, de forma a verificar os vários momentos de desenvolvimento do aluno, já que a ideia é dar ênfase também à comparação do aluno com o seu próprio desenvolvimento, ao invés de apenas comparar o seu rendimento, em dado momento, com parâmetros externos a ele (RABELO, 2009, p.13).

Percebe-se através dos relatos das docentes que as profissionais assumem uma concepção acerca da Avaliação da Aprendizagem, sendo que a P1, também definiu que a avaliação também faz parte do processo de reflexão da própria prática. Já a P2 atribui a avaliação como um instrumento didático voltado apenas para o aluno.

Para analisar o pensamento das docentes me aporço em Hoffman (2012), quando esta autora afirma que Avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso da vida de uma criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões com a intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento. Pensando sobre esta realidade, vale salientar que a avaliação exerce uma concepção classificatória, carregada de julgamentos e controle, tanto no ambiente escolar quanto socialmente. Cabe então aos docentes, gestores, coordenadores e todos os envolvidos no processo discutir e nortear a avaliação com todo o seu potencial pedagógico em favor do desenvolvimento integral das crianças.

Durante a investigação surgiu à curiosidade de saber junto às docentes acerca de experiências que estas tiveram quanto à avaliação, destaca-se a fala da P1:

Quanto à avaliação, a experiência vem desde os tempos de estudos desde as series iniciais. Pois nesses períodos eu já tinha conhecimentos da necessidade de ser avaliada como aluna. Portanto só na universidade e na escola como profissional da educação eu pude compreender o que é avaliação de fato. (Professora 1).

No entanto, esta não chegou a enfatizar se havia sofrido traumas ou problemas quando era aluno no que se refere à temática da avaliação da aprendizagem.

Já a professora (P2), enfatizou que:

Por tratar-se de educação, merece certo cuidado ao falar da avaliação; pois há os dissabores revelados nesse processo, devido ao número de equívocos, cometidos por nós professores. Esses equívocos são erros ou praticas pedagógica acerca da condução do ensino no processo de ensino/aprendizagem. (Professora 2).

Essa educadora relatou também a sua dificuldade, quando fora aluna, pois descreveu o seguinte depoimento.

Na faculdade passei por experiências não muito agradáveis, porque alguns professores defendiam a proposta avaliativa como formadora, contínua; no entanto sua prática docente era oposta. Contudo havia o desgaste da discursão que não acrescentava nada, ou não tinha contribuição alguma, ficava só no discurso verbalizado, aonde éramos “avaliados” por meio de notas, o método da verificação (Professora 2).

Percebo assim que tratar do tema da Avaliação da Aprendizagem é muito fácil, como também apropriar-se de conceitos e de palavras para conceituar a avaliação, mas a prática pode revelar dificuldades para assumir a postura de um processo contínuo. Pimenta (2002) enfatiza essa questão dizendo que:

O ser humano age, sempre, orientado para determinados fins, sejam eles plenamente conscientes ou não. A atividade prática implica a modificação do ideal em face das exigências do próprio real. A prática requer um constante vai- e- vem de plano a outro, que só poder ser assegurado se a consciência se mostrar ativa ao longo de todo o processo prático. Resulta disso que a atividade prática é inseparável dos fins que a consciência traça (PIMENTA, 2002, p. 134).

Os professores muitas vezes têm conhecimentos do que seja a Avaliação da Aprendizagem, bem como seus conceitos, embora, há ocasião que estes não têm autonomia e são limitados de seus conhecimentos. Para Pimenta (2002, p. 23) “a reflexão não basta, é necessário que o professor seja capaz de tomar posições concretas para reduzir tais problemas. Os professores não conseguem refletir concretamente sobre mudanças porque são eles próprios condicionados ao contexto em que atuam”.

Quando indaguei as professoras sobre as metodologias utilizadas para avaliar os educandos em sala de aula, elas relataram que:

No sistema avaliativo da minha classe com meus alunos, utilizo várias metodologias para avaliar a turma. Avalio de modo a dar acompanhamento aos grupos quando trabalho projetos, pesquisa, observando as contribuições individuais e coletivas. Uso também avaliação escritas (testes) e orais, assim, como apresentações de trabalhos, e auto avaliação que permite aos próprios alunos reconhecerem suas dificuldades e aquisições de conhecimento individuais. (Professora 1).

Como a metodologia é um caminho que o sujeito deverá percorrer para que se efetive uma aprendizagem de qualidade procurando as melhores estratégias para a condução dessa aprendizagem. Utilizo de metodologias como: Diversos gêneros textuais (discursivos); Leitura compartilhada; Leitura/produção de imagens, gravuras, desenhos e fatos; Vídeos, como filmes e documentário; Jogos educativos

para trabalhar a ludicidade; A internet; Paradidáticos (livros) gibis, entre outros. Logo o uso dessas ferramentas tem a finalidade de procurar melhorar o desenvolvimento, a evolução do sujeito (aluno). (Professora 2).

Nota-se que as docentes usam metodologias que segundo Hoffman (2012), podem caracterizar a avaliação mediadora, que parte do pressuposto que o que mais faz diferença no processo avaliativo é a postura do professor, sem desafios adequados a partir do que se observou e refletiu é impossível construir a aprendizagem. Segundo Pimenta (2002), “o conhecimento que o educador “transmitir” aos educandos não é somente aquele produzido por especialistas desde ou aquele campo específico de conhecimento, mas ele próprio se torna um especialista do fazer (teórico-prático-teórico) (PIMENTA, 2002, p. 135)”. No decorrer do questionário, as docentes foram interrogadas sobre quem decide as metodologias de avaliação, se é o professor ou a coordenação. A professora P1 respondeu dizendo:

A metodologia utilizada na avaliação é decidida pelo próprio professor, não só por mim, mas por todos os professores da escola na qual eu trabalho, e acredito-me em outras escolas da rede pública de ensino”, porém a coordenadora da “minha escola” tem conhecimento da metodologia usada na avaliação dos alunos.(Professora 1).

Por sua vez, já a professora2 faz a seguinte revelação, que contradiz o que fora dito anteriormente pela Professora 1.

A coordenação, depois que as avaliações chegam prontas até o professor, não tem como redirecionar por mais questionamentos, logo o papel do professor neste sentido é somente aplicar o texto, sem o direito de fazer suas colocações, sem espaço para questionar o estilo de teste. Tenho a liberdade de fazer as avaliações elaboradas por mim (professor), mas não é considerada, pois o sistema só aceita os conceitos que vem junto à avaliação enviada até as escolas publicas estaduais, que as mesmas possuem parcerias com o PROGRAMA PRIMEIROS SABERES DA INFÂNCIA. Portanto os nossos alunos são avaliados mediante critérios fornecidos pelo programa. Particularmente não sou íntima de elaborar as provas ou os conteúdos a estudar, ou seja, o fluxograma enviado para cada professor determina o assunto que você irá oferecer aos alunos, isso de 1º ao 5º ano. (Professora 2).

Essa educadora também descreve sobre a questão da coordenação escolher o modelo e critérios de provas determinados pelo Ministério Educação e assumidos pela escola para encaminhar a Avaliação da Aprendizagem. Ele destaca ainda que os métodos avaliativos vêm prontos e muitas vezes não condizem com a realidade da criança.

No entanto, sigo um critério particular, procuro envolver as disciplinas numa mesma competência, quando possível. Não deixo os alunos confusos sem compreenderem nada, sempre faço um elo com que será abordado hoje com o que foi ontem, e assim, estou me saindo bem. Mas não deixo de criticar esse programa, pois se o professor limitar-se a ele, os alunos não aprende, tornam pessoas acríticas, ou seja, alunos passivos receptivos de informação, mas sem argumentação para questionar e exigir uma boa aprendizagem. Lembramo-nos de FREIRE (1996) quando falava que o aluno que não critica, não questiona não se faz um sujeito passivo e submisso, é o que acontece com este programa, pois o professor sem nenhum questionamento é apenas reprodutor submisso e passivo, acobertando os atos do sistema a nós imposto. (Professora 2).

Ghedin (2002) implica o seguinte:

Muitos professores dentem a limitar seu mundo de ação e de reflexão à aula. É necessário transcender os limites que se apresentam inscritos em seu trabalho, superando uma visão meramente técnica na qual os problemas se reduzem a como cumprir as metas que a instituição já tem fixadas [...] (GHEDIN, 2002, p.137).

Como a docente acima destacou a Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire (1996), ele dar ênfase que ensinar exige liberdade, e enfatiza que o grande problema que o educador enfrenta, é não ter a liberdade e autonomia para elaborar suas aulas, e ou mesmo de aplicar o melhor método para avaliar seu aluno. Para Freire (1996), o professor em sua prática deve se guiar pelos princípios da ética, atuar eticamente na educação e não se deixar cair no determinismo e fatalismo, diante do descaso pela educação. O professor não deve se acomodar e se influenciar pelas condições postas pelo meio, deve acreditar que a mudança é possível, acreditar em sua prática, que pode mudar e intervir no mundo por meio da educação e claro lutar para que essa mudança aconteça.

Outro tema indagado foi sobre o calendário escolar para a realização das atividades avaliativas. A professora 1 destacou:

Não existe um calendário estabelecido para a realização das atividades avaliativas. O que existe, é um período coerente com o termino do bimestre para que as avaliações não ultrapassem esse calendário. (Professora 1).

Já a Professora 2 revelou a unidade escolar na qual trabalha tem calendário, esse acontece no final do fluxograma, logo há dois dias para que as avaliações sejam aplicadas. Após essa questão, lancei uma questão perguntando sobre qual o tipo de estratégia de

avaliação mais utilizada em sala, daí que a Professora 1 revelou que é a atividade individual, e defende esse tipo de avaliação para “medir o conhecimento” dos alunos, e ainda justifica que as atividades individuais é um método que permite melhor avaliar os alunos.

Já a Professora 2, diz:

Não sou contra as avaliações exigidas pelo programa que participa a escola, logo realizo também de outras avaliações sem valor algum para o sistema. Embora eu faça uso de outros tipos de avaliações, as mais usadas são as individuais, acredita que assim minimiza as dificuldades que o aluno esboça ao participar da execução de atividades que realizada na escola, e defende que as suas atividades identificam o avanço no processo de aprendizagem, ou seja, permiti verificar se está ou não acontecendo evolução dessa aprendizagem ou até mesmo a regressão. (Professora2).

Trago para fomentar a discussão sobre o assunto, Hora (1994), que diz:

As recentes reformas operadas no sistema educacional brasileiro trouxeram para o centro das preocupações dos educadores, entre outros, dois temas que tem orientado discussões, debates e estudos dos profissionais de educação, tanto daqueles que efetivamente militam nas práticas educativas no interior da escola, dos que sustentam a definição de políticas nos órgão dos sistemas administrativos centrais da educação [...] (p. 57).

A fala da Professora 2, ao dizer que as avaliações são elaboradas pelo *Programa Primeiros Saberes da Infância* nos leva a pensar sobre como se dá o processo de construção da gestão dentro do espaço escolar, isso porque as educadoras são impossibilitadas de exercer plenamente o exercício da docência. Nesse sentido, cabe refletir sobre qual o lugar do docente dentro desse processo de avaliação imposto pelo Governo.

O que pretendemos aqui é questionar a necessidade (ou não) do caráter público das avaliações realizadas sobre políticas educacionais, diante do aprofundamento da tecnização dos mecanismos de avaliação em detrimento da participação o efetiva e política da sociedade no processo. Neste, observamos que uma predominância tecnicista e despolitizada existe porque as avaliações de políticas educacionais não se configuram como espaços públicos. Isso só acontece quando os socialmente desiguais se encontram em equivalência como atores e sujeitos políticos e, pelo exercício conjunto e conflituoso do debate, deliberam sobre temas comuns (SOUZA, 2009, p. 17-18).

A forma como vem se dando o processo de avaliação da aprendizagem colocada pelo governo contraria o princípio de liberdade e autonomia quanto ao exercício da docência.

Partindo das falas das docentes, é preciso dizer que escola deve rever suas propostas pedagógicas, e observar se estas estão voltadas para uma educação de qualidade, ensino este que valorize os alunos como sujeitos em processo de formação, e não como uma máquina programada a responder as respostas de forma mecânica e sistemática.

Do ponto de vista de Sousa (1994, p.63) a Avaliação da Aprendizagem, vai além da simples aplicação de provas e testes. Desta forma a avaliação também representa um momento de aprendizagem.

Dando sequência ao questionário indaguei às educadoras se existe uma relação entre o modo como se ensina e como se avalia os alunos, e estas deram as seguintes respostas:

A professora 1 acredita que há relação entre o modo como ensina e o modo como avalia os estudantes e defende que os objetivos e a metodologia de ensino permitem a elaboração de critérios para avaliar a aprendizagem dos estudantes, porque a avaliação é um método voltado a verificar a aprendizagem do aluno diante do trabalho realizado pelo o professor.

Por sua vez, a Professora 2 também acredita que são através das atividades em sala e até mesmo das tarefas para casa, que observa a evolução, ou não, do aluno, e dessa forma procura trabalhar as dificuldades de cada aluno para que procure superar as dificuldades. Segundo seu relato para que isso ocorra o percurso é longo, mas no afinal o resultado é gratificante. Para analisar a fala da Professora 2, me amparo pensamento de Depresbiteris (1989, p.85), quando este diz:

Dentro dessa concepção ampla de educação e pressupondo-a como fio condutor de sua sanções, a instituição buscará uma aprendizagem que; seja dinâmica, envolva um processo de cognição, pois aprender não é simplesmente responder a um estímulo, implique em mudanças qualitativas nas capacidades humanas, o que ocorre com mais facilidade se há grande interação entre docente e aluno [...] educar de modo mais amplo, desenvolvendo níveis de raciocínio mais complexos [...] estreita relação entre os níveis de autonomia e participação do aluno, isto é, quanto maior o nível de raciocínio maior autonomia do aluno no desempenho de suas ações

Sobre questão interroguei também sobre os instrumentos avaliativos utilizados, se esses contribuem para a aprendizagem dos alunos. Elas acreditam que os instrumentos utilizados contribuem para uma avaliação que promove a aprendizagem dos alunos, porque

usam de vários critérios de avaliação. Elas também defendem a idéia de que a avaliação contribui para a aprendizagem dos alunos, pois a avaliação for utilizada de maneira correta, não é uma punição, é um método que leva o aluno a reconhecer se aprendeu, como aprendeu e se seus estudos estão contribuindo para sua vida pessoa, para sua cidadania. Desta maneira, Avaliar, segundo as educadoras serve para contribuir para a evolução do aluno. As educadoras admitem terem muito cuidado ao avaliar, para não correr risco de desencorajar os educandos. Vejamos, pois o que elas disseram:

Como faço uso de vários critérios de avaliação, considero que essa avaliação contribui para a aprendizagem de meus alunos, pois a avaliação utilizada, não é um tipo punitivo, é um método livre que leva o aluno a reconhecer se aprendeu, como aprendeu e em que seus estudos estão contribuindo para sua vida pessoa, para sua cidadania. (Professora 1).

Com o que temos ainda é insuficiente, mas procuro avaliá-los contribuindo a breves passos a evolução do aluno. Porque uma prova onde se coloca uma nota não mede conhecimento algum, deixo o aluno tenso, nervoso, a reação que tem é retirar-se e fechar-se no seu mundo, ficando opaco aos olhos dos colegas e do próprio professor (a). Tenho muito cuidado ao avaliar meus alunos, pois não posso correr risco de contrariá-los, isso é um obstáculo para o resta vida. (Professora 2).

Assim perguntei o que as educadoras levam mais em consideração quando avaliam seus alunos, se os erros, ou os acertos. A Professora 1 destaca que considera os erros, como também os acertos, pois diz:

No que se refere aos erros, serve para refletir minha metodologia de ensino, e quanto aos acertos me faz analisar a aprendizagem dos educando. (Professora 1).

Enquanto que a Professora 2 avalia considerando mais os erros, e fala:

Pois através desses erros, vejo onde falhei com os alunos e onde eles falaram, pois o erro do aluno é também o erro do professor. Embora existam casos de que o aluno não se permite ajudar, não esboça interesse em estudar, não tenha ajuda da família ou do cuidador, em fim são casos específicos, mas não isolados. Em linhas gerais é através dos erros que se aprende e ensina a apreender, (Professora 1).

Para finalizar, perguntei as Professoras 1 e 2, que se caso elas pudessem modificar a avaliação, o que elas mudariam. Diante dessa questão a Professora 1 disse:

Sabendo de que a avaliação é uma polêmica, mesmo até entre autores de livros especializados em educação. Por outro lado, ainda não foi encontrada outra maneira de verificar se o aluno está aprendendo ou não. Contudo se tivesse que mudar algo sobre a avaliação, mudaria esse sistema avaliativo de período de bimestre e de números quantitativo de zero a dez.(Professora 1).

A professora 2, disse:

Procuraria mudar a maneira como são aplicadas as avaliações, verificando se o sujeito aprendeu, ou não, e através de um conceito ou nota, ver se o sujeito está apto a ser promovido para outro seguimento, não há preocupação com a aprendizagem. (Professora 2).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho relata meu esforço diante das dificuldades que enfrentei enquanto aluna do ensino médio, época em que se devia decorar os conteúdos para mostrar aos professores a capacidade de tirar 10 (dez) nas provas. Já na universidade o discente tem que estudar os textos compreendê-los, ser reflexivos e autônomos nas referidas respostas no que se refere à temática da avaliação aprendizagem.

A partir das minhas experiências escolares e na universidade, acerca do tema da Avaliação da Aprendizagem, é que surgiu o interesse em pesquisar sobre o processo de Avaliação da Aprendizagem utilizado por docentes de uma escola estadual de Cajazeiras (PB). Por sua vez, também busquei conhecer/analisar as concepções que estas portavam acerca da Avaliação da Aprendizagem.

A pesquisa se deu numa escola pública estadual no município de Cajazeiras (PB), e participaram da pesquisa como os sujeitos para o estudo, duas professoras, uma lecionando no 4º, e a outra o 5º ano, ambas com graduação em Pedagogia pela (UFCG), campus de Cajazeiras (PB).

Ao visitar a escola a qual escolhi para realizar meu estudo, fui muito bem recebida e recepcionada pela Diretora, coordenadora como também pelas docentes, as quais responderam aos questionários que foram solicitados. Essas, no entanto, se sentiam privilegiadas em poder contribuir com meu trabalho, sendo pontuais com a entrega dos documentos que lhes foram entregues.

Pesquisar sobre o tema em foco foi muito gratificante, tanto para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como também para o desencadeamento dos meus desejos em aprimorar meus conhecimentos acerca da temática da Avaliação da Aprendizagem, e assim, aprofundar meus estudos me apropriando nos aportes teóricos que defendem a avaliação como algo prazeroso e como método de aprendizagem, tais como Hoffmann (2003), Esteban (2008), Luckesi (1995), dentre outros que me apropriei teoricamente para a realização deste fundamental trabalho.

Neste sentido, a pesquisa me trouxe grande influências para minha formação acadêmica, dando ênfase para continuar estudando sobre a problemática da Avaliação nas

escolas públicas. Logo os resultados foram de grande valia para o estudo. Ao analisar as respostas das docentes pode-se perceber que ambas tem uma visão ampla do que será a Avaliação da Aprendizagem, embora, muitas vezes não tenham a liberdade de exercer suas verdadeiras funções dentro da escola.

A partir dos dados analisados neste trabalho foi possível compreender que a prática da avaliação na escola ainda ocorre de forma classificatória, embora o educador conheça os mais variados métodos inovadores que estabelece uma aprendizagem prazerosa significativa entre educador e educando, os meios que mais prevalece na escola é o uso das tradicionais provas escritas, sendo estas um método primordial para avaliar os alunos.

Neste sentido, é relevante dizer que as escolas, sobretudo as públicas ainda precisam rever suas práticas pedagógica e suas políticas referente à educação de qualidade, pois nota-se que a democracia ainda está conjugada a uma grande maioria, pois a gestão democrática enfatiza que uma boa educação que acontece em coletivo com toda comunidade escolar.

Os dados obtidos nos relatos das professoras entrevistadas evidenciam que as educadoras dispõem de conhecimentos aprimorados acerca do tema da Avaliação da Aprendizagem, logo, precisam ser mais reconhecidos e respeitados profissionalmente como um professor mediador, e não apenas como transmissor de conhecimento das políticas públicas voltadas para educação pelo o governo federal, o que se percebe em grande maioria desses programas é uma prestação de contas do estado com as escolas, o que desta forma não prioriza a aprendizagem dos alunos. Contudo, o professor deve ser respeitado e valorizado, como também ter a liberdade, para melhor exercer suas funções dentro da escola, logo a maneira como são considerados deixam desmotivados e alienados a exercer seus cargos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar: fascículo 11 na sala de aula.** 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL, MEC, LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei N° 9.394, de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Legislação correlata. 2. ed. Brasília: Câmara dos deputados, coordenação de Publicações, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional do Governo Federal,** 1996.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil.** 1998.

\_\_\_\_\_. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).** Disponível em: [www.mds.gov.br/bolsafamilia](http://www.mds.gov.br/bolsafamilia). Acesso em 10/07/2014.

DEPRESBITERIS, Léa, **O desafio da avaliação da aprendizagem: dos fundamentos a uma proposta inovadora/Léa Depresbiteris.** -São Paulo: EPU, 1989.

ESTEBAN, Maria Tereza, **Escola, currículo e avaliação/** Maria Teresa Esteban, organizadora. São Paulo: Cortez, 2008. -3. ed.-(Série cultura, memória e currículo;v.5)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido,** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, v.21).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire.** São Paulo; Paz e Terra, 1996. -(coleção leitura).

\_\_\_\_\_. **Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação.** In: BRANDÃO, Carlos R. (org.), Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 4ª ed., 1981.

GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica**. In: PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e críticas de umconceitos/Evandro Ghedin, (orgs.)**.- São Paulo: Cortez, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria. **Avaliação mito e desafio uma perspectiva construtivista**. Posto Alegre. RS: Mediação, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pontos e Contrapontos: Do Pensar ao Agir em Avaliação**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

\_\_\_\_\_. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre acriança**, 18ªEdição, Mediação, Porto Alegre, 2012.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino Aprendizagem**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola: Artes e ofícios da participação coletiva**/Dinair Leal da Hora-Campinas,SP:Papirus,1994-(Coleção Magistério:Formação e Trabalho Pedagógico).

LUCKESI. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO,Belane Rodrigues de. **A importância da brincadeira como recurso de aprendizagem**. 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/.../a-importancia-da-brincadeira-como-recurso>.

MÉNDEZ, J.M. Álvarez. **Avaliar para conhecer, examinar excluir**/J.M.álvarezMéndez; tradução Magda Schwartzaupt Chaves. - Porto Alegre: Artmed, 2002.

MERONI, Adriana. **O erro no processo de ensino-aprendizagem**. Comunicação & Educação, São Paulo, (26): 105 a 107, jan./abr. 2003. Disponível e <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/37478/40192>. Acesso: 28 junho 2014

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens-entreduas lógicas**/Philippe Perrenoud; tradução PatríciaChittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. **Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação.** In: BRANDÃO, Carlos R. (org.), Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 4ª ed., 1981.

PETIT, Sandra Haydée. **Dos frutos Paralelos de uma Pesquisa.** Revista do Departamento de Psicologia – UFF, Rio de Janeiro, v. 13, n. 01, p. 125-144, 2001.

PINTO, Regina Pahim. LIMA, Ivan, Costa./ Sônia M. Silveira (Orgs). Negro, Territórios e Educação. **A escola como espaço de reflexão/ atuação no campo das relações étnico raciais.** Florianópolis. Nº 7, Núcleo de Estudos Negros/NEN, 2000. (Série Pensamento Negro em Educação).

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo: construindo uma crítica.** Professor reflexivo no Brasil: gênese e críticas de um de um conceitos/Evandro Ghedin, (orgs.).- São Paulo: Cortez, 2002.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas.** 8ª ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Avaliação educacional: análises conceitual, legal e crítica.** In: Avaliação Educacional: um olhar reflexivo sobre a sua prática. São Paulo: Avercamp, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático/Ana Célia da Silva.** Salvador:EDUFBA,2001.94

SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora.** In: HOFFMANN, Jussara. ESTEBAN. Maria Teresa (orgs.) Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SILVEIRA, D., CÓRDOVA, F. **A pesquisa científica.** In: GERHARDT, T., SILVEIRA, D (orgs.), Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, Clarilza Prado de. **Avaliação do rendimento escolar,** 3ª Ed.Papirus, Campinas, 1994.

SOUZA, Lanara. **Avaliações de políticas educacionais: contexto e conceitos em busca da avaliação pública.** In: LÔRDELO, J. E DAZZANI, Maria. (Orgs.) Avaliação educacional-desatando e reatando nós. EDUFBA: Salvador (BA), 2009.

# **ANEXO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada de

\_\_\_\_\_

sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_ para desenvolver uma pesquisa na instituição \_\_\_\_\_ da cidade de \_\_\_\_\_

Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço UAE campus Cajazeiras, pelo telefone (83). 35322088, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/HUAC, na Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande - PB, telefone (83) 2101-5545.

Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar - Caso não saiba assinar

\_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável

# APÊNDICES

## QUESTIONÁRIO APLICADO AS DOCENTES

Est<sup>3</sup> - De acordo com suas concepções descreva o que é avaliação? Para que serve a avaliação?

P1- *Avaliação é um instrumento didático que permite ao professor detectar as dificuldades dos alunos e ajudar a superá-los. Nesse sentido serve ainda para o próprio professor fazer uma avaliação da sua prática pedagógica no sentido de melhorar cada vez mais o ensino aprendizagem.*

P2- *Avaliação é um processo contínuo formativo que nos leva a compreender o processo de evolução ou regressão do sujeito mediante o ensino aprendizagem. Logo o processo avaliativo serve para investigar, ou melhor, averiguar a evolução, ou não, do sujeito aprendiz.*

Est- Que tipo de experiências você tem com o tema da avaliação? Na escola e na faculdade? Foram positivas ou negativas?

P1- *Quanto à avaliação, a experiência vem desde os tempos de estudos desde as séries iniciais, pois nesses períodos eu já tinha conhecimentos da necessidade de ser avaliada como aluna. Portanto só na universidade e na escola como profissional da educação eu pude compreender o que é avaliação de fato.*

P2- *Por se tratar-se de educação, merece certo cuidado ao falar da avaliação; pois há os dissabores revelados nesse processo, devido ao número de equívocos, cometidos por nós professores. Esses equívocos são erros ou práticas pedagógicas acerca da condução do ensino no processo de ensino/aprendizagem. Na faculdade passei por experiências não muito agradáveis, porque alguns professores defendiam a proposta avaliativa como formadora, contínua; no entanto, sua prática docente era oposta. Contudo havia o desgaste da discursão que não acrescentava nada, ou não tinha contribuição alguma, ficava só no discurso verbalizado, aonde éramos “avaliados” por meio de notas, o método da verificação.*

Est- Que metodologias você utiliza para avaliar seus alunos?

P1- *No sistema avaliativo da minha classe, com meus alunos, utilizo várias metodologias para avaliar a turma. Avalio de modo a dar acompanhamento aos grupos quando trabalho*

---

<sup>3</sup>Sigla criada para identificar as perguntas que criei

*projetos, pesquisa, observando as contribuições individuais e coletivas. Uso também avaliação escritas (testes) e orais, assim, como apresentações de trabalhos, e auto avaliação que permite aos próprios alunos reconhecerem suas dificuldades e aquisições de conhecimento individuais.*

*P2- Como a metodologia é um caminho que o sujeito deverá percorrer para que se efetive uma aprendizagem de qualidade procurando as melhores estratégias para a condução dessa aprendizagem. Utilizo de metodologias como: Diversos gêneros textuais (discursivos), leitura compartilhada; leitura/produção de imagens, gravuras, desenhos e fatos; vídeos, como filmes e documentário; jogos educativos para trabalhar a ludicidade; a internet; paradidáticos (livros) gibis, entre outros. Logo o uso dessas ferramentas tem a finalidade de procurar melhorar o desenvolvimento, a evolução do sujeito (aluno).*

*Est-Quem decide as metodologias de avaliação? Você? A Coordenação?*

*P1 - A metodologia utilizada na avaliação é decidida pelo próprio professor, não só por mim, mas por todos os professores da escola na qual eu trabalho, e acredito eu em outras escolas da rede pública de ensino. Porém a coordenadora da “minha escola” tem conhecimento da metodologia usada na avaliação dos alunos.*

*P2- A coordenação, depois que as avaliações chegam prontas até o professor, não tem como redirecionar por mais questionamentos, mas o papel do professor é somente aplicar o texto, sem o direito de fazer suas colocações, sem espaço para questionar o estilo de teste. Tenho a liberdade de fazer as avaliações elaboradas por mim (professor), mas não é considerada, pois o sistema só aceita os conceitos que vem junto à avaliação enviada até as escolas públicas estaduais, que as mesmas possuem parcerias com o Programa Primeiros Saberes da Infância. Portanto os nossos alunos são avaliados mediante critérios fornecidos pelo o programa. Particularmente não sou íntima, ou seja, o fluxograma enviado para cada professor determina o assunto que você irá oferecer aos alunos, isso de 1º ao 5º ano. “Por exemplo: se o fluxograma que o professor (A) deverá trabalhar “o uso do dicionário”, no dia serão trabalhadas” medidas de capacidades”, vejo que não há logicidade, pois os alunos já não compreendem na maioria das vezes a sequencia dos fatos, imagine toda essa confusão. No entanto, sigo um critério particular, procuro envolver as disciplinas numa mesma competência, quando possível. Não deixo os alunos confusos sem compreenderem nada, sempre faço um elo com que será abordado hoje com o que foi ontem e, assim, estou me*

*saindo bem. Mas não deixo de criticar esse programa, pois se o professor limitar-se a ele os alunos não aprende, tornam pessoas acríticas, ou seja, alunos passivos receptíveis de informação, mas sem argumentação para questionar e exigir uma boa aprendizagem. Lembramo-nos de FREIRE (1996) quando falava que o aluno que não critica, não questiona não se faz um sujeito passivo e submisso, é o que acontece com este programa, pois o professor sem nenhum questionamento é apenas reproduzidor submisso e passivo, acobertando os atos do sistema a nós imposto.*

Est- - Existe um calendário para a execução das avaliações?

*P1- Não existe um calendário para a realização das atividades avaliativas. O que existe, é um período coerente com o término do bimestre para que as avaliações não ultrapassem esse calendário.*

*P2-Sim, no final do fluxograma, há dois dias para as avaliações sejam aplicadas.*

Est- Qual tipo de avaliação você mais utiliza em sua sala? Por quê?

a- Atividade individual ( x )

b- Atividade em equipe ( )

c- Pesquisa em livros ( )

d- Pesquisa pela internet ( )

*P1- Como já foi relatado acima, faço vários tipos de avaliação para “medir o conhecimento” de meus alunos. A mais utilizada são as atividades individuais, pois esse método me permite melhor avaliar os alunos.*

*P2 - Não estou sendo contrária, mas faço outras avaliações sem valor algum para o sistema. Embora utilize outros tipos de avaliações como o uso da internet as mais usadas são as individuais, que por sua vez procura minimizar as dificuldades que o aluno esboça ao participar da execução de atividades realizada na escola, e que ainda nos ajuda a identificar o avanço no processo de aprendizagem. Ou seja, verificar se está ou não acontecendo evolução dessa aprendizagem ou até mesmo a regressão.*

Est- Você acredita que há relação entre o modo como você ensina e o modo como avalia estudantes? Por quê?

P1- *Os objetivos e a metodologia de ensino permitem a elaboração de critérios para avaliar a aprendizagem dos estudantes, porque a avaliação é um método voltado a verificar a aprendizagem do aluno diante do trabalho realizado pelo professor.*

P2 - *Sim, pois é através das atividades em sala e até mesmo os “para casa”, que observo a evolução ou não do aluno, e dessa forma procuro trabalhar a carência desse aluno para que procure superar as dificuldades. Para que isso ocorra é trabalhoso e longo percurso, mas afinal o resultado é gratificante.*

Est- Os instrumentos avaliativos que você utiliza contribuem para uma avaliação que promova a aprendizagem dos alunos? Por quê?

P1- *Como faço uso de vários critérios de avaliação, considero que essa avaliação contribui para a aprendizagem de meus alunos, pois a avaliação utilizada, não é tipo punitivo, é um método livre que leva o aluno reconhecer se aprendeu como aprendeu e em que seus estudos estão contribuindo para sua vida pessoa, para sua cidadania.*

P2- *Com o que temos ainda é insuficiente, mas procuro avaliá-los contribuindo a breves passos a evolução do aluno. Porque uma prova onde se coloca uma nota não mede conhecimento algum, deixo o aluno tenso, nervoso, a reação que tem é retirar-se e fechar-se no seu mundo, ficando opaco aos olhos dos colegas e do próprio professor (a). Tenho muito cuidado ao avaliar meus alunos, pois não posso correr risco de contrariá-los, isso é um obstáculo para o resto da vida.*

Est- Quando você avalia seus alunos, o que você mais leva em consideração? Os erros? Os acertos? Explique por favor.

P1- *O que eu levo mais em consideração nas atividades avaliativas são os erros e os acertos. No que se refere a os erros, serve para refletir minha metodologia de ensino, e quanto aos acertos me faz analisar a aprendizagem dos educandos.*

P2- *Ao avaliá-los considero mais os erros, pois através desses erros, vejo onde falhei com os alunos e onde eles falaram, pois o erro do aluno é também o erro do professor. Embora existam casos de que o aluno não se permite ajudar, não esboça interesse em estudar, não*

*tenha ajuda da família ou do cuidador, enfim são casos específicos, mas não isolados. E linhas gerais é através dos erros que se aprende e ensina a apreender.*

Est- Se você tivesse que modificar algo sobre a avaliação, o que você mudaria? Discorra sua resposta.

P1- *Sabemos que a avaliação é uma polêmica, mesmo até entre autores de livros especializados em educação. Por outro lado, ainda não foi encontrada outra maneira de verificar se o aluno está aprendendo ou não. Contudo se tivesse que mudar algo sobre a avaliação, mudaria esse sistema avaliativo de período de bimestre e de números quantitativo de zero a dez.*

P2- *Procuraria mudar a maneira como são aplicadas, verificando se o sujeito aprendeu, ou não, e através de um conceito ou nota, observar se este sujeito está apto a ser promovido para outro seguimento, não há preocupação com a aprendizagem.*